

milionários nazis
a história negra das maiores
fortunas alemãs
david de jong

Tradução de André Marcelo

*À memória dos meus adorados avós
Alice e Hans, Hannie e John, pois eles resistiram,
sobreviveram e prosperaram, proporcionando
às suas famílias a melhor vida possível.*

«Eles pilharam o mundo, deixando a terra exangue na sua voracidade (...) São conduzidos pela ganância, quando o inimigo é rico; pela ambição, quando é pobre. Devastam tudo, tomam posse por meio de falsos pretextos e de tudo isto fazem alarde, justificando-o como sendo a construção do império. E quando, ao despertar, nada resta senão um deserto, a isso chamam paz.»

Tácito, *Agrícola*

ÍNDICE

Lista de personagens • 11

PRÓLOGO:

A reunião • 15

INTRODUÇÃO • 21

PRIMEIRA PARTE:

«Perfeitamente dentro da média» • 29

SEGUNDA PARTE:

«O espectro do nacional-socialismo acabará em breve» • 97

TERCEIRA PARTE:

«As crianças já se tornaram homens» • 165

QUARTA PARTE:

«Continuaremos a viver» • 223

QUINTA PARTE:

«Nove zeros» • 291

SEXTA PARTE:

«Tomada de responsabilidade» • 333

EPÍLOGO:

O museu • 375

Apêndice: Árvores genealógicas • 377

Agradecimentos • 381

Notas sobre as fontes • 385

Notas • 393

Créditos fotográficos • 443

LISTA DE PERSONAGENS

OS QUANDT

Günther Quandt: patriarca da família; industrial.

Horst Pavel: braço-direito de Günther.

Toni Quandt: primeira esposa de Günther; mãe de Herbert.

Magda Goebbels: segunda esposa de Günther; mãe de Harald.

Ello Quandt: cunhada de Günther; melhor amiga de Magda;
madrinha de Harald.

Harald Quandt: filho único do matrimónio entre Magda e Günther.

Gabriele Quandt: filha de Harald.

Herbert Quandt: filho mais velho de Günther; salvador da BMW.

Susanne Klatten: filha mais nova de Herbert; herdeira da BMW.

Stefan Quandt: filho mais novo de Herbert; herdeiro da BMW.

OS FLICK

Friedrich Flick: patriarca da família; industrial.

Otto Steinbrinck: braço-direito de Friedrich.

Otto-Ernst Flick: filho mais velho de Friedrich.

Muck, Mick e Dagmar Flick: filhos de Otto-Ernst.

Friedrich Karl Flick: filho mais novo de Friedrich.

Eberhard von Brauchitsch: melhor amigo de Friedrich Karl.

Ingrid Flick: viúva de Friedrich Karl.

OS VON FINCK

August von Finck Sênior: patriarca; banqueiro privado.

Kurt Schmitt: CEO da Allianz. Ministro dos Assuntos
Económicos do Reich.

August «Gustl» von Finck Jr.: investidor.

Ernst Knut Stahl: braço-direito de Gustl.

OS PORSCHE-PIËCH

Ferdinand Porsche: patriarca; criador da Volkswagen e da Porsche.

Anton Piëch: cunhado de Ferdinand; casado com Louise.

Ferry Porsche: filho de Ferdinand; oficial das SS.

Louise Piëch: filha de Ferdinand; casada com Anton.

OS OETKER

Richard Kaselowsky: patriarca; CEO da Dr. Oetker.

Rudolf-August Oetker: enteado de Kaselowsky; oficial das Waffen-SS.

Rudolf von Ribbentrop: melhor amigo de Rudolf-August;
oficial das Waffen-SS.

OS NAZIS DE TOPO

Adolf Hitler: o *führer*.

Joseph Goebbels: ministro da Propaganda do Reich;
marido de Magda; padrasto de Harald.

Hermann Göring: *reichsmarschall*; principal decisor das
políticas económicas nazis.

Heinrich Himmler: *reichsführer* SS; principal organizador do Holocausto.

Hjalmar Schacht: presidente do Reichsbank; ministro dos Assuntos Económicos do Reich.

Walther Funk: presidente do Reichsbank; ministro dos Assuntos Económicos do Reich.

Otto Wagener: conselheiro económico de Hitler.

Wilhelm Keppler: conselheiro económico de Hitler; tio de Kranefuss.

Fritz Kranefuss: organizador do círculo de amigos de Himmler; sobrinho de Keppler.

OS PERSEGUIDOS

Adolf Rosenberger: cofundador da Porsche. Johanna e Fritz Heine: empresários.

Família Hahn: empresários.

Herdeiros de Julius e Ignaz Petschek: empresários.

Willy Dreyfus: banqueiro privado.

Louis von Rothschild: banqueiro privado.

OS AMERICANOS

Telford Taylor: chefe-procurador do Tribunal Militar de Nuremberga.

John J. McCloy: alto-comissário americano para a Alemanha ocupada.

OS REIMANN

Albert Reimann: patriarca; CEO da Joh. A. Benckiser (JAB).

Peter Harf: secretário da assembleia geral da JAB; confidente da família.

Wolfgang Reimann: filho mais velho de Albert.

PRÓLOGO: A REUNIÃO

*Ali estavam eles, impávidos, como se
fossem 24 máquinas de calcular às portas do inferno*
— Éric Vuillard, *L'Ordre du Jour*

Os convites, que tinham sido enviados por telegrama quatro dias antes, não deixavam margem para dúvidas: era uma chamada à capital. Numa segunda-feira, a 20 de fevereiro de 1933, às 6 h da tarde, chegavam cerca de duas dúzias dos homens de negócios mais ricos e influentes da Alemanha nazi, a pé ou conduzidos pelos seus motoristas. Dirigiam-se para uma reunião que teve lugar na residência oficial do presidente do Reichstag, Hermann Göring, sita no coração da zona governamental e comercial de Berlim. Entre os convidados estavam: Günther Quandt, um industrial dos têxteis que se tinha tornado num eminente industrial de armamento e produtor de baterias; Friedrich Flick, um magnata do aço; o barão August von Finck, um reputado financeiro bávaro; Kurt Schmitt, CEO do gigante segurador Allianz; executivos do conglomerado de produtos químicos IG Farben e do gigante da potassa, Wintershall, bem como Gustav Krupp von Bohlen und Halbach, que por via do matrimónio era presidente da imperial companhia do aço, Krupp.

Três semanas antes, Hitler tinha ascendido ao poder na Alemanha, depois de um golpe de bastidores que levou o presidente do Reich, Paul von Hindenburg, a nomeá-lo como chanceler. Agora, o líder do partido nazi¹ queria «explicar as suas políticas» ao grupo de industriais, financeiros, executivos e herdeiros, ou pelo menos era nisso que ele queria que acreditassem. Os empresários estavam esperançados em obter garantias relativamente ao desenvolvimento económico da Alemanha neste novo governo.

¹ No texto, «partido nazi» refere-se ao Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (em alemão Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei, ou NSDAP). (N. de T.)

Não as obteriam. Hitler tinha os seus próprios planos para esta reunião, e também para a Alemanha.

Os empresários chegaram pontualmente ao palácio residencial carmesim de Göring, localizado na margem sul do rio Spree, mesmo ao lado do Reichstag. No entanto, fizeram-nos esperar, algo que não agradava aos impacientes magnatas e a que não estavam minimamente habituados. Göring, o anfitrião, apenas os cumprimentou 15 minutos depois da hora marcada. Seguiu-se-lhe Walther Funk, o careca atarracado que era chefe de imprensa do governo de Hitler. O novo chanceler chegou ainda mais tarde, acompanhado por Otto Wagener, o seu principal conselheiro económico. O mestre de cerimónias era Hjalmar Schacht, ex-presidente do Reichsbank, o banco central alemão (curiosamente, Funk, Schacht, Göring e o CEO da Allianz, Schmitt, foram os quatro futuros ministros dos Assuntos Económicos de Hitler). Esta reunião foi o culminar de anos de cuidadoso trabalho de base feito pelos oficiais de Hitler, anos durante os quais se cultivaram relacionamentos com estes magnatas, tendo por objetivo criar um entusiasmo crescente pela causa nazi.

Depois de cumprimentar os empresários, Hitler iniciou um discurso arrebatado de 90 minutos, sem recurso a notas ou pausas. Em vez de estabelecer políticas económicas, fez um diagnóstico abrangente sobre a situação política de então. O ano de 1918 tinha sido um ponto de viragem catastrófico na história da Alemanha, com a derrota do império alemão na I Guerra Mundial e a revolução na Rússia, através da qual os comunistas ascenderam ao poder. Do ponto de vista de Hitler, tinha chegado a hora de acertar as contas entre a esquerda e a direita, de uma vez por todas.

Hitler argumentou que, ao apoiarem a sua ascensão a *führer*, os magnatas estariam efetivamente a apoiar-se a si próprios, às suas companhias e às suas fortunas. «A iniciativa privada não pode ser mantida na era da democracia», afirmou o chanceler, então com 43 anos. «Apenas é concebível se as pessoas tiverem uma ideia de autoridade e personalidade. Tudo o que de bom, positivo e valioso se atingiu nos campos económico e cultural, é unicamente atribuível à importância da personalidade.» Hitler não falou em abolir sindicatos, nem em rearmamento, nem em guerra ou na remoção dos judeus da vida alemã, mas providenciou um vislumbre do que estava para vir. «Antes de mais, precisamos de obter o poder absoluto para conseguirmos esmagar completamente o outro lado.»

No final do seu discurso, Hitler explicou como isso iria acontecer. No intervalo de apenas duas semanas, a 5 de março de 1933, o povo alemão

iria determinar o futuro da nação ao colocar os seus votos na eleição nacional: «as últimas eleições», de acordo com Hitler. De uma forma ou de outra, a democracia iria cair. O novo chanceler da Alemanha tencionava dissolvê-la completamente e substituí-la por uma ditadura. «Independentemente do resultado», avisou, «não haverá ponto de retorno; há apenas duas possibilidades: ou encostamos o adversário tendo como base a Constituição... ou travaremos uma luta com outras armas, o que poderá implicar outro tipo de sacrifícios.» Se as eleições não resultassem na tomada do controlo por parte do partido de Hitler, iria certamente ser despoletada uma guerra civil entre a esquerda e a direita, avisou. Acabou com uma nota poética: «Espero que o povo alemão reconheça a grandeza deste momento. Será decisivo para os próximos 10 ou até provavelmente para os próximos 100 anos.»

Gustav Krupp, o magnata do armamento e do aço, como presidente da Associação da Indústria Alemã, foi tornado *primus inter pares* neste grupo de empresários e foi designado porta-voz. Este industrial, de 62 anos, tinha preparado um extenso discurso sobre política económica para esta reunião, que constituiria o seu primeiro encontro com Hitler. Mas dado que o novo chanceler tinha apelado à dissolução da democracia alemã, Krupp pensou que seria melhor não encetar um diálogo sobre os detalhes maçadores da política económica. Em vez disso, agradeceu mansamente ao chanceler, em nome dos presentes, «por nos ter dado uma imagem tão clara das suas ideias». Krupp finalizou com observações gerais sobre a necessidade de remediar os problemas políticos da Alemanha e de criar um Estado forte, que ajudaria «a economia e os negócios a desenvolverem-se e a florescerem».

Depois de ouvir as observações de Krupp, o chanceler nascido na Áustria não se disponibilizou para responder a quaisquer questões e não revelou o verdadeiro objetivo da reunião. Deixou essa questão para o anfitrião, Göring, e retirou-se.

Göring abriu o tópico com uma bem-recebida promessa de estabilidade. Assegurou aos gigantes da indústria e da finança que «com a pacificação política, a economia doméstica também acalmaria». Não se conduziriam «experiências económicas», afirmou. No entanto, para garantir um clima favorável para os negócios, a nova coligação de Hitler teria de se tornar vitoriosa nas eleições que se avizinhavam. O presidente do Reichstag foi direto ao ponto fulcral: o partido nazi precisava de dinheiro para a campanha eleitoral. Porque o dinheiro dos contribuintes alemães e dos fundos estatais não pode ser utilizado para fins políticos, «outras entidades que

não participam nesta batalha política devem pelo menos fazer os sacrifícios financeiros necessários nesta altura».

A conclusão de Göring fez eco das palavras de Hitler: era mais do que razoável pedir «sacrifícios financeiros» a estes titãs dos negócios, dado que «as eleições de 5 de março iriam certamente ser as últimas dos próximos 10 anos ou até dos próximos 100 anos». Depois desta afirmação, Göring abandonou a sala, deixando os seus convidados atordoados e com muito em que pensar.

Foi então que o economista Hjalmar Schacht, contrariamente aos dois primeiros oradores, foi diretamente ao assunto e sugeriu que se angariasse um fundo para a campanha, no montante de 3.000.000 de *reichsmarks* (cerca de 20.000.000 de dólares, nos dias de hoje), a favor do partido nazi e do seu parceiro de coligação, o Partido Popular do Povo Alemão, que ainda seria necessário para governar o país, embora não por muito tempo.

Os empresários angariaram a verba entre eles, ali mesmo. Um milhão de *reichsmarks* seriam desembolsados pelas indústrias do carvão e do aço da região do Ruhr e 500.000, respetivamente, pela mineração de potassa e pela indústria química. O milhão remanescente seria angariado pela indústria de mineração de lenhite, fabricantes de automóveis e companhias de engenharia mecânica e elétrica. Acordaram que 75 por cento do dinheiro iria para o partido nazi e o quarto remanescente para o seu parceiro de coligação. Concluindo, Schacht proferiu a frase mais curta e cara da reunião: «Agora, cavalheiros, dirijam-se à caixa registadora!»

O convite de Hitler para discutir a política económica tinha sido, em verdade, pouco mais do que um pretexto no sentido de angariar milhões para a campanha eleitoral. Hitler e Göring tinham deixado de lado um detalhe importante: o estado precário das finanças do partido nazi. Existia uma dívida de mais de 12.000.000 de *reichsmarks*. O pouco dinheiro que havia em caixa era manifestamente insuficiente para conduzir uma campanha eleitoral a nível nacional. No entanto, este assunto seria resolvido rapidamente. Nos dias e semanas que se seguiram à reunião, muitos dos presentes, através das suas empresas e associações empresariais, transferiram grandes importâncias para uma conta que Schacht tinha aberto num banco privado, o Delbrück Schickler, em Berlim. Os magnatas não tiveram quaisquer escrúpulos em financiar a queda da democracia. Os maiores donativos aos nazis vieram da Associação da Indústria Mineira (600.000 *reichsmarks*) e da IG Farben (400.000 *reichsmarks*).

No dia seguinte ao da reunião, a 21 de fevereiro de 1933, Joseph Goebbels, de 35 anos, que liderou a máquina de propaganda nazi de Berlim como *Gauleiter* (líder regional), escreveu no seu diário: «Göring traz a excelente notícia de que estão disponíveis 3.000.000 para as eleições. Grande feito! Vou imediatamente alertar todo o departamento de propaganda... Hoje o trabalho vai ser divertido. Chegou o dinheiro.» Goebbels tinha iniciado este diário precisamente no dia anterior, descrevendo o seu estado de espírito depressivo na sede de Berlim, por causa da falta de fundos. Que diferença puderam fazer estas 24 horas!

INTRODUÇÃO

A 8 de maio de 2019, Verena Bahlsen, a herdeira do famoso fabricante de bolachas, de 26 anos, subiu ao palco de uma conferência de *marketing* digital em Hamburgo para dar uma palestra, transmitida em direto, sobre produção sustentável de bens alimentares. Vestia um macacão azul e uma camisola de gola alta preta, em conjunto com um *blaser* preto. Estas cores contrastavam fortemente com o cabelo ruivo e ondulado e com as suas sardas. Segurou o microfone com confiança. Alguns minutos depois, desviou-se do assunto, respondendo a um político socialista que tinha falado antes sobre a ideia de haver uma pertença centralizada das maiores empresas da Alemanha, tais como a BMW. «Sou capitalista», declarou Verena. «Detenho um quarto da Bahlsen e estou contente por isso. Deveria continuar a pertencer-me. Quero ganhar dinheiro e comprar iates e outras coisas com os meus dividendos.»

Estas observações imediatamente recolheram reações furiosas nos média sociais. Como poderia ela gabar-se da sua riqueza, especialmente quando a sua empresa familiar foi conhecida por ter usado trabalho forçado, durante a II Guerra Mundial? Alguns dias mais tarde, Verena tentou desviar as críticas em comentários feitos no *Bild*, o maior tabloide da Alemanha: «Isso ocorreu antes do meu tempo. Pagávamos aos trabalhadores forçados exatamente o mesmo que aos trabalhadores alemães e tratámo-los bem.» Acrescentou: «A Bahlsen não tem de se sentir culpada de nada.»

Irrompeu um escândalo. Verena tinha cometido aquilo que talvez seja considerada a maior ofensa moral na Alemanha dos dias de hoje: demonstrou ignorância sobre a era nazi. Não era segredo que a empresa dela, tal como a maioria das companhias alemãs, tinha beneficiado do sistema de trabalho forçado da Alemanha nazi durante a II Guerra Mundial, quando milhões de estrangeiros foram retirados dos seus países de origem e obrigados a trabalhar em fábricas alemãs, muitas vezes com salários miseráveis

como contrapartida do seu trabalho, sujeitos a condições deploráveis. No caso da Bahlsen, foram coagidos cerca de 700 trabalhadores, muitos deles sendo mulheres polacas e ucranianas que foram deportadas para a fábrica de bolachas de Hanôver, onde foram maltratadas e sub-remuneradas. Os comentários de Verena fizeram correr muita tinta por todo o mundo e o juízo foi rápido. Historiadores e políticos vieram condenar as suas afirmações. Seguiram-se apelos para boicotar as bolachas *Bahlsen*.

Passados alguns dias, estacionavam em fila várias limusinas *Mercedes* frente ao apartamento de Verena em Berlim, no bairro Prenzlauer Berg. Vinham resgatá-la, juntamente com todas as suas posses, de volta a casa, em Hanôver. Verena emitiu então, através da sua empresa, um pedido de desculpas público. No entanto, os jornalistas da *Der Spiegel* investigaram a fundo. Revelaram que o avô de Verena e os seus tios-avós, os homens que geriram a Bahlsen durante o Terceiro Reich, tinham sido membros do partido nazi de Hitler (o Partido Nacional Socialista Alemão e dos Trabalhadores, ou NSDAP) e tinham doado dinheiro às SS, a todo-poderosa organização paramilitar nazi. Os repórteres descobriram que muitas das mulheres ucranianas foram deportadas para a fábrica de bolachas de Hanôver a partir de uma fábrica em Kiev que tinha sido tomada pela Bahlsen. Depois da guerra, tal como milhões de alemães, os homens da Bahlsen negaram todas as acusações de cumplicidade com os nazis e viram-se livres de problemas.

À medida que a indignação pública foi crescendo, a família Bahlsen utilizou uma velha fórmula para acalmar as hostes: anunciaram, através da empresa, que iriam contratar um proeminente historiador alemão para investigar independentemente a história completa da empresa, incluindo as ações tomadas durante a era nazi. O resultado desta investigação deveria ser publicado e disponibilizado para todos, assim que estivesse concluída. Este anúncio funcionou e a polémica diluiu-se, mas eu sabia no que isto iria dar.

TINHA INGRESSADO NA *BLOOMBERG NEWS* ALGUNS ANOS ANTES, nos finais de novembro de 2011. Desempenhava as funções de jornalista numa equipa nova que iria investigar riqueza oculta, milionários e empresas familiares muito maiores do que a Bahlsen. Comecei a trabalhar no escritório de Nova Iorque depois de a polícia (NYPD) ter removido violentamente membros do movimento Occupy Wall Street do Zucotti Park,

bem no centro da zona financeira de Manhattan. No seguimento da crise financeira que havia eclodido no ano anterior, a tensão entre os um por cento e os 99 por cento notava-se por todo o mundo. Embora tivesse sido contratado para trabalhar na investigação de dinastias americanas, tais como os Koch ou os Walton (que controlam a Walmart), rapidamente me foi pedido que lhes juntasse as nações falantes de língua alemã, dado que sou neerlandês.

Aceitei, a contragosto, o trabalho adicional. A brutal ocupação que a Alemanha fez do meu país nativo, de maio de 1940 até maio de 1945, deixou cicatrizes profundas, não só nas gerações que antecederam a minha, como também na nossa consciência nacional. Nessa altura invadiram e pilharam o nosso país. Enquanto era miúdo e crescia em Amesterdão, durante os anos 90, vi os alemães «invadirem» as nossas praias durante a primavera e o verão. Pior ainda é que nos ganhavam sempre no futebol (e ainda ganham).

Este antagonismo ligeiramente brincalhão que tenho em relação aos alemães tem origem nas experiências da minha família, durante a guerra. Em 1941, a minha avó materna, protestante e ainda solteira, tentou fugir dos Países Baixos velejando até Inglaterra, juntamente com uma amiga. O plano delas era juntarem-se à Royal Air Force, mas o barco foi intercetado e tiveram de regressar à costa. Os soldados alemães prenderam-nas e foram acusadas e feitas prisioneiras políticas. O meu avô passou quase dois anos em cativeiro e foi forçado a trabalhar numa fábrica em Bochum. Apanhou tuberculose lá e foi libertado, estando às portas da morte.

Os meus avós paternos, que eram judeus, foram separados durante a guerra. O meu avô era dono e gerente de fábricas de meias e *collants* perto da fronteira com a Alemanha. Conseguiu esconder-se no centro de Amesterdão, depois de ser expropriado da sua empresa. A minha avó, natural da Suíça, tentou fugir com a minha tia, que tinha então 3 anos, juntamente com outro acompanhante. Foram detidas pela Gestapo (a polícia secreta da Alemanha nazi) na fronteira entre a França e a Suíça. O oficial da Gestapo compadeceu-se da minha avó e da sua pequena criança e deixou-as passar. Conseguiram chegar à Suíça. O seu companheiro de fuga, um conhecido pintor, não teve tanta sorte: foi colocado num comboio rumo a Sobibor, um campo de extermínio na Polónia, onde foi assassinado.

Os meus avós, apesar do sofrimento que passaram durante a guerra, tiveram sorte. O meu avô judeu voltou a juntar-se à sua mulher e à jovem filha, depois da libertação da Europa, e recuperou as suas fábricas de meias. Tragicamente, no entanto, o seu pai morreu num campo de concentração,

em Bergen-Belsen. Os meus avós judeus nunca ficaram ressentidos por causa daqueles que amaram e perderam, assassinados pelos nazis. Tal como o meu avô materno também nunca se ressentiu em relação ao tempo que passou no cativeiro alemão. Antes de a liberdade lhe ter sido retirada, tinha-se apaixonado pela vizinha do lado. Recuperou da tuberculose num sanatório suíço e a minha avó esteve ao lado do seu leito durante todo o tempo. Casaram logo após a sua recuperação.

Os meus pais nasceram alguns anos depois da guerra. Apesar de tudo, os meus avós tiveram uma boa vida, proporcionando-a também aos seus filhos e a mim.

No entanto, o meu avô materno tinha uma forma de se «vingar» um pouco dos alemães: estava sempre a contar piadas sobre eles. Foi o meu herói de infância, um orgulhoso patriota neerlandês. Os meus avós viviam numa propriedade rural numa pequena vila com 300 habitantes, perto das praias preferidas dos alemães. «Outra invasão», dizia ele brincando, todas as primaveras. Pediu-me que nunca levasse os alemães a sério, porque eles levam-se demasiado a sério. Prometi-lhe que nunca o faria. «O humor é a melhor vingança», dizia ele.

No entanto, com as novas funções, comecei a levar os alemães bastante a sério, em particular aos que gerem os grandes negócios e a grande finança. No verão de 2012, ao desenvolver um trabalho de reportagem, deparei-me com um discreto sítio de *internet*: «Harald Quandt Holding», dizia na página principal, que apresentava uma lista de investimentos em firmas diferentes, no montante de 18.000.000.000 de dólares. Como poderiam os escritórios de uma família alemã, utilizando um *website* tão rudimentar, investir tamanha quantidade de dinheiro? Esta pergunta foi o fio condutor que me levou a esta história.

Pelos vistos, este ramo da dinastia Quandt descendia de uma tal Magda Goebbels, a primeira-dama não oficial do Terceiro Reich, esposa de Joseph Goebbels, o ministro da Propaganda nazi. Harald foi o único dos sete filhos de Magda que sobreviveu à guerra. Sendo o único filho do primeiro casamento de Magda com o industrial Günther Quandt, cresceu na casa dos Goebbels, mas nunca aderiu ao partido nazi. Tinha um meio-irmão mais velho, Herbert Quandt, que haveria de salvar a BMW da falência nos anos seguintes à guerra. Em 2012, os herdeiros mais novos de Herbert continuavam a ser a família mais rica da Alemanha, com o controlo quase total da BMW, enquanto os herdeiros de Harald supervisionavam uma *holding* mais «pequena», numa pequena cidade termal perto de Frankfurt.

Em 2007, a dinastia Quandt, numa jogada semelhante à dos Bahlsen, encarregou um professor de história alemã de investigar o passado nazi da família. Esta decisão surgiu no seguimento de um documentário de televisão bastante crítico, que se focou no envolvimento desta dinastia com o Terceiro Reich, incidindo na produção maciça de armas, o recurso ao trabalho forçado e mesmo a escravidão, bem como à apreensão de companhias pertencentes a judeus. Günther e Herbert Quandt dirigiam as empresas familiares envolvidas nestas atividades.

O que mais me surpreendeu, no decurso da minha reportagem, foi a continuada falta de transparência histórica entre os membros da parte mais rica da dinastia Quandt, aquela que detém a BMW, mesmo após a divulgação em 2011 do estudo patrocinado pela família, cujo objetivo era declaradamente a «abertura». A investigação revelou que os patriarcas da família cometeram muito mais crimes brutais, durante a era nazi. Como rapidamente vim a descobrir, os Quandt não estavam sozinhos. Houve outras dinastias de negócios alemãs que floresceram durante o Terceiro Reich e que continuaram a controlar enormes fortunas, evitando encarar ou mesmo reconhecer as suas obscuras linhagens.

Estas histórias nunca foram contadas fora da Alemanha. Entretanto, estas famílias controlam milhares de milhões de euros e dólares. Alguns dos herdeiros já nem sequer são donos de empresas, apenas gerem a riqueza que herdaram. Mas muitos outros ainda detêm marcas bem conhecidas, cujos produtos se encontram em todo o mundo, desde os carros que conduzimos até ao café e cerveja que bebemos, passando pelas casas que alugamos e a terra sobre a qual vivemos, bem como os hotéis que visitamos, seja para férias ou viagens de negócios. Os meus artigos incidiram sobretudo sobre as finanças destas famílias: ao fim de contas, estava na *Bloomberg*. No entanto, o ângulo financeiro deixava as questões mais interessantes por responder: como é que os patriarcas destas famílias ascenderam ao poder durante a liderança de Hitler? Porque é que quase todos puderam ficar livres depois da queda da Alemanha nazi? E porque é que, passadas tantas décadas, muitos dos herdeiros fazem tão pouco para reconhecerem os crimes dos seus antecessores, projetando uma visão da história que mantém opacidade sobre estes assuntos? Porque é que as suas fundações, prémios e sedes ainda ostentam os nomes dos seus patriarcas, que foram colaboradores nazis?

As respostas a estas questões, ou pelo menos a parte delas, encontram-se nestas páginas: nas histórias das origens de algumas das mais ricas

dinastias alemãs vigentes, que continuam a controlar áreas importantes da economia global. Mais especificamente, as respostas encontram-se nas histórias dos patriarcas destas dinastias, que ganharam muito dinheiro e poder, ao darem abrigo às atrocidades cometidas pelo Terceiro Reich. Tendo nascido durante a era da Alemanha imperial ou próximo dela, estes homens juntaram-se à elite dos homens de negócios durante o período volátil que ocorreu após a I Guerra Mundial. No início da era nazi, em 1933, eram industriais, banqueiros, produtores alimentares e fabricantes de automóveis bem estabelecidos, embora alguns deles estivessem a começar as suas carreiras como herdeiros designados do seus imperiosos pais. Estes homens colaboraram com o regime de Hitler nos anos que antecederam e também no decurso da II Guerra Mundial, enriquecendo as suas empresas e pessoas através da produção de armamento, utilização de trabalho forçado e trabalho escravo, e com a apreensão de empresas detidas por judeus e não judeus, na Alemanha e nos territórios ocupados pelos nazis.

Alguns destes magnatas eram fervorosos apoiantes nazis, que abraçavam a ideologia de Hitler sem a questionarem. Mas a maioria eram apenas oportunistas, calculistas e sem escrúpulos, que pretendiam expandir os seus impérios empresariais a qualquer custo. Todos eles se tornaram membros do partido nazi, das SS ou de ambos, durante o Terceiro Reich. Esta é a negra história dos Quandt da BMW; dos Flick, antigos donos da Daimler-Benz; dos Von Finck, uma família de financeiros que fundou a Allianz e a Munich Re; do clã Porsche-Piëch, que controla a Volkswagen e a Porsche, e dos Oetker, que detêm um império de fabrico de ingredientes para confeção, alimentos preparados, cerveja e hotéis de luxo. Os seus patriarcas são os milionários nazis. Neste livro dão-se os detalhes e apontam-se as histórias do Terceiro Reich e das suas dinastias de negócios, que continuam a ter influência e relevância mundiais.

No entanto, não se trata aqui apenas dos pecados dos titãs alemães da indústria e da finança. Também aqui se conta a história de como, depois da guerra, coube aos aliados vitoriosos decidir o destino daqueles que lucraram com o regime nazi. Por motivos de eficiência política e sob a ameaça do comunismo que pairava, os EUA e o Reino Unido devolveram discretamente a maioria destes magnatas à Alemanha, permitindo-lhes andarem em liberdade, com pouco mais do que uma advertência. Nas décadas que se seguiram, a parte ocidental da Alemanha dividida desenvolveu uma das mais prósperas economias do mundo e esses mesmos homens de negócios nazis fizeram fortunas de milhares de milhões de dólares, juntando-se às

listas dos mais ricos do mundo. Tudo isto enquanto mentiam ou mantinham o silêncio sobre os seus laços com o genocídio.

Nos dias de hoje, poucos dos herdeiros destes homens admitiram verdadeiramente o passado das suas famílias. Outros ainda recusam fazê-lo, sem praticamente nenhum efeito negativo. Verena Bahlsen não sofreu quaisquer consequências profissionais, no decurso dos comentários que proferiu. Pelo contrário: o seu pai promoveu-a, pouco depois. Em meados de março de 2020, a Bahlsen anunciou que Verena, ao contrário dos seus três irmãos, tornar-se-ia a principal acionista e representaria a próxima geração na empresa da família.

A ALEMANHA QUE SE ERGUEU APÓS A DERROTA NA II GUERRA Mundial amadureceu, tornando-se uma sociedade tolerante, educando o seu povo na lembrança e no remorso dos erros do passado. Enquanto muitos dos grandes poderes globais dos dias de hoje sucumbiram a favor de ditadores, populistas da extrema-direita e demagogos, a Alemanha tem sido a coluna vertebral moral do Ocidente. Muito deste delicado equilíbrio advém do contínuo reconhecimento público do passado nazi e das atrocidades em massa cometidas durante o regime de Hitler. Nos últimos 50 anos, os líderes políticos alemães não se esquivaram a assumir a responsabilidade moral e a reconhecerem os pecados do passado. Não obstante, recentemente a Alemanha encetou uma transformação num sentido diferente: à medida que as últimas testemunhas da era nazi vão morrendo e se desvanecem a recordação do Terceiro Reich, vai crescendo uma ala de direita reacionária com cada vez mais apoio popular, que vitima os ideais progressistas da Alemanha do pós-guerra.

Numa altura em que a desinformação é onnipresente e a extrema-direita constitui uma ameaça global, a transparência histórica e a conciliação subsequente tornam-se ainda mais importantes. Vemos, nos EUA e no Reino Unido, estátuas de generais confederados, mercadores de escravos e Cristóvão Colombo serem derrubadas, com estabelecimentos de ensino superior cujos nomes pertenciam a presidentes racistas a serem redenominados. No entanto, este movimento, que pretende que encaremos o passado, parece estar a passar ao lado de muitos dos lendários empresários alemães. O legado negro permanece escondido à vista de todos. Este livro pretende, numa pequena medida, corrigir esse erro.

The background of the entire page is a dark, monochromatic image. It features a complex, symmetrical pattern of light gray lines that form a grid or mesh. This pattern is composed of many small, interconnected shapes that create a sense of depth and perspective, resembling a stylized architectural structure or a digital space. The lines are most prominent in the center and fade slightly towards the edges. Overlaid on this pattern is a large, dark, irregular shape that serves as a backdrop for the text.

PRIMEIRA
PARTE

**«PERFEITAMENTE
DENTRO DA MÉDIA»**

1

A família Quandt lucrou durante décadas com guerras e sublevações. Mas quando Günther Quandt se mudou permanentemente para Berlim, durante a pandemia da gripe espanhola, em outubro de 1918, a guerra e a sublevação quase tiraram tudo a este magnata da indústria têxtil, de 37 anos. Günther assistiu em primeira mão à queda do império alemão, quando a Alemanha perdeu a I Guerra Mundial e quando pereceram milhões de pessoas nas trincheiras. Apesar da tremenda derrota imperial, os Quandt fizeram milhões com a guerra. As indústrias têxteis que Günther geriu, nas imediações rurais de Brandemburgo, localizadas a escassas horas de viagem da capital, tinham produzido milhares de fardas por semana para o seu cliente imperial de há longa data. Eram enviadas vagas de jovens soldados alemães para as trincheiras e linhas da frente, e cada um deles precisava de uma farda para substituir os farrapos remanescentes dos seus camaradas caídos. Assim aconteceu, semana após semana, durante quatro longos anos.

Assim se tornou a perda da Alemanha no ganho de Günther. Quando a guerra acabou, o dinheiro que Quandt tinha amealhado era suficiente para financiar a mudança permanente para Berlim. Durante a guerra, Günther tinha conseguido evitar prestar serviço militar, inicialmente porque foi considerado fisicamente inapto e mais tarde porque se tinha tornado numa figura-chave para a economia da guerra do império. A partir de Berlim, supervisionou um departamento governamental que forneceu lã ao Exército e à Marinha. Simultaneamente, geriu as fábricas da família, dando instruções por meio de carta, enquanto os seus irmãos mais novos e cunhado lutavam na frente. Quando regressaram vivos da guerra, disse-lhes que se iria mudar definitivamente para Berlim. Continuará a supervisionar as fábricas de têxteis a partir da estridente capital. Mas também aspirava operar num palco maior, explorar novas oportunidades de negócio, noutros ramos e com outras indústrias.

Günther adorava Berlim. Nasceu a 28 de julho de 1881 na Pritzwalk rural, cerca de 120 quilómetros a noroeste da capital. Sendo filho primogénito numa proeminente família de empresários do ramo têxtil, e consequentemente herdeiro do pai, foi enviado para receber formação em Berlim aos 15 anos, onde viveu com o seu professor de inglês. O império alemão tinha-se tornado numa nação industrializada de vanguarda, na viragem do século, e Berlim era o seu epicentro. Usou o seu tempo livre para explorar a vasta e movimentada metrópole, onde testemunhou a construção da ferrovia elevada e do metropolitano. Recordou os seus dias de escola em Berlim como sendo «dias felizes». Teria preferido continuar os seus estudos seguindo arquitetura, mas isto estava fora de questão. Günther foi chamado de volta a casa, para aprender o ofício da indústria têxtil com o pai, Emil, que estava adoentado. Era um homem alto e corpulento, com um bigode espesso. Este prussiano orgulhoso, que era protestante, defendia os conceitos de frugalidade, humildade e trabalho árduo.

Desta feita, Günther não se mudava sozinho para Berlim. Junta-vam-se-lhe a mulher, Toni, e os filhos pequenos, Hellmut e Herbert. Estavam casados há 12 anos. Herbert e Hellmut tinham 8 e 10 anos, respetivamente. Toni, uma morena bonita, era o amor da vida de Günther. Quase lhe foi vedada a possibilidade de a desposar, pois os seus pais consideravam a sua família como sendo nova-rica. As suas tentativas para o forçarem a acabar esse relacionamento fizeram com que Günther encarasse seriamente a possibilidade de emigrar para os Estados Unidos. Até chegou a procurar qual seria a melhor rota para lá chegar por via marítima, até Baltimore, por forma a poder procurar trabalho em Chicago. Mas Günther ficou por lá. No final, o amor e a persistência venceram e os pais deram-lhe a bênção.

A 15 de outubro de 1918, durante as férias outonais, Toni e os dois rapazes viajaram para Berlim a fim de visitarem Günther e a nova casa da família. Ficaram alojados no luxuoso hotel Fürstenhof, na Potsdamer Platz. Günther estava ansioso por lhes mostrar a mansão que tinha adquirido, cerca de 20 quilómetros a sudoeste do centro da cidade, no frondoso subúrbio de Neubabelsberg, um bairro de vivendas onde viviam muitos dos banqueiros de Berlim, bem como industriais e intelectuais endinheirados. A casa ficava à beira de um lago, o Griebnitzsee, e nas imediações do Babelsberg Palace Park, o local da residência de verão do imperador, e onde proliferavam árvores centenárias. Toni estaria ainda a convalescer da operação que se seguiu ao parto complicado de Herbert. Pretendia recuperar a saúde nessa casa, tão agradavelmente localizada: um lago, um parque e uma

rua com belos plátanos, limas e áceres. «É aqui que ficarei completamente recuperada», disse Toni a Günther, depois de este lhes ter mostrado a casa.

Não seria assim. No dia após a visita, Toni e os dois filhos viajaram de volta para Pritzwalk. Nessa noite, Günther recebeu um telefonema de um empregado: Toni tinha regressado com sintomas gripais. Os rapazes tinham sido levados para a casa de um familiar, para evitar uma contaminação. Durante aquela pandemia havia que tomar todas as precauções, já que a gripe espanhola se contagiava facilmente. Em dois dias, a gripe de Toni evoluiu para uma dupla pneumonia. Desesperado, Günther dirigiu-se a um médico conhecido, mas este não podia oferecer auxílio imediatamente, pois tinha cerca de uma dúzia de pacientes com os mesmos sintomas. Toni faleceu nessa noite fria de outubro, com apenas 34 anos. Esta mulher frágil, que tinha sonhado com um recomeço, não suportou a segunda vaga da gripe espanhola, que fez milhões de vítimas.

De um momento para o outro, Günther ficou viúvo e sozinho, numa capital frenética de um império derrotado e à beira do seu fim. Os seus filhos, que tinham perdido a mãe recentemente, foram viver com ele. Precisavam de mais cuidados do que aqueles que Günther lhes podia proporcionar, pois dispunha de pouco tempo livre. Tinha todo um império para construir. Depois do funeral de Toni em Pritzwalk, num dia de outono soalheiro, Günther, à beira da campa da esposa, sentiu que tinha perdido algo que era irrecuperável: «Acreditei que as pessoas apenas são capazes de dar e receber amor incondicional uma vez na vida», escreveu mais tarde.

Não obstante, seis meses depois voltaria a apaixonar-se. Foi uma relação que ainda hoje atormenta os Quandt: ficou ligado a Magda Friedländer, que depois se tornaria Magda Goebbels, a «primeira-dama» do Terceiro Reich.

2

Na quente tarde primaveril de 21 de abril de 1919, Günther embarcou em Berlim num comboio bastante cheio. Era segunda-feira de Páscoa e o comboio dirigia-se a Kassel, no centro da Alemanha. Viajava com dois associados, para ir a uma reunião de negócios. Um pouco antes da partida, certa mãe colocou a sua filha adolescente à porta do compartimento privado destes homens de negócios. A rapariga foi deixada juntamente com a bagagem e algumas caixas. A sua mãe tinha percorrido as carruagens à procura de lugar. Deixou-lhe instruções claras: «Magda, vais ficar aqui.» Günther esperou dois ou três minutos antes de se levantar e convidar a rapariga para se sentar com eles. Foram precisos mais alguns minutos e várias insistências até que a tímida Magda abrisse a porta do compartimento e se juntasse ao trio de homens bastante mais velhos.

Depois de Günther a ajudar a arrumar as suas coisas, Magda refestelou-se num belo assento. Quando começaram a falar, Günther apercebeu-se do quão atraente era a rapariga. «Tinha convidado uma aparição particularmente bonita: olhos azuis-claros, belo cabelo loiro, uma cara bem recortada e proporcionada, e uma bela figura», escrevera mais tarde. Magda tinha apenas 17 anos, era 20 anos mais nova do que Günther e tinha apenas mais seis anos do que o seu filho mais velho, Hellmut. Tinha acabado de passar as férias da Páscoa com a sua mãe e padrasto, em Berlim, e estava de regresso ao seu internato em Goslar, na zona montanhosa da Alemanha central. Falaram durante todo o caminho sobre viagens e os teatros de Berlim. Ele ficou muito interessado nela. Por volta de uma hora da manhã, o comboio parou na estação de Goslar. Günther ajudou-a a descarregar os seus pertences; tão disfarçadamente quanto possível, olhou de relance para uma etiqueta na bagagem e ficou com a morada do colégio interno de Magda.

Assim que chegou a Kassel, enviou uma carta a Magda, perguntando se podia visitá-la no colégio, na tarde seguinte. Fingiria ser amigo do seu

pai, com o intuito de conseguir permissão da diretora do colégio para a levar a passear. Magda respondeu, anuindo. No dia seguinte, Günther apareceu no colégio com um ramo de rosas, não para Magda, mas antes para convencer a diretora a deixar Magda ir dar um passeio com ele. Começou a cortejá-la. No decorrer do terceiro encontro, enquanto faziam um passeio pitoresco nas montanhas Harz, Günther fez a proposta de casamento a Magda, no assento de trás do carro conduzido pelo motorista. Magda ficou surpreendida e pediu-lhe três dias para pensar. Os casamentos que ela tinha testemunhado, ao longo dos seus 17 anos de vida, estavam longe de terem sido bons.

Magda, nascida a 11 de novembro de 1901, tinha sido fruto de uma relação entre o engenheiro Oskar Ritschel e a criada Auguste Behrend, quando estes ainda não tinham casado. Viriam depois a fazê-lo. Mas a mãe de Magda divorciou-se, ao descobrir que o marido estava a ter um caso. Voltou então a casar, com Richard Friedländer, um empresário judeu. Nesta altura, estavam estes também já prestes a divorciarem-se. Magda cresceu, sendo filha única, num ambiente cosmopolita de classe média-alta. Viveu com a sua mãe e padrasto entre Berlim e Bruxelas, onde frequentou um rigoroso colégio de freiras católicas. Os seus laços judaicos iam para lá da ligação com o seu padrasto: quando Magda conheceu Günther, tinha acabado recentemente uma relação com Victor Chaim Arlosoroff, um ambicioso judeu que, sendo emigrado da Rússia, tinha estudado Economia na prestigiada Universidade Humboldt. Sendo uma *shiksa* (uma mulher não judia), Magda nunca se sentiu realmente parte integrante da comunidade judaica.

Três dias depois, tendo meditado sobre o assunto, Magda aceitou a proposta de casamento de Günther. Tinha-se sentido atraída por este homem mais velho e robusto, que usava fatos com casaco assertado, colarinhos engomados e botões de punho dourados. Era alto, com olhos azuis e penetrantes, mas estava já a ficar careca e tentava disfarçá-lo com o penteado. Günther tinha uma aparência marcante, mas não era necessariamente atraente. No entanto, a opção de casar com um homem duas décadas mais velho não tinha sido por amor — o fascínio e a ambição desempenharam um grande papel na decisão. Magda tinha ficado impressionada por Günther, que apresentava sempre um sorriso confiante e ligeiramente zombeteiro, como se soubesse algo que os outros ainda ignoravam. Magda estava ansiosa por sair do colégio interno, tornando-se esposa de alguém com enormes recursos financeiros e que era respeitado

no mundo dos negócios. Tinha a fantasia de gerir um grande lar e organizar eventos sociais para os amigos e parceiros de negócios. Günther, no entanto, exigiu duas condições prévias ao casamento: ela teria de abandonar o catolicismo e converter-se ao protestantismo; e teria de assumir o seu apelido original, Ritschel. O apelido judaico Friedländer do seu padrasto estava fora de questão para Günther e para a sua família luterana. Magda cumpriu, dizendo a sua mãe: «A religião não tem importância para mim, tenho o meu Deus no coração.»



Günther Quandt

No início de janeiro de 1921, Günther e Magda casaram num hotel termal localizado na margem ocidental do Reno, às portas de Bona. A noiva usou um vestido de renda de Bruxelas. No entanto, a harmonia entre ambos não durou muito. As diferenças de idade e de caráter dos noivos tornaram-se dolorosamente óbvias quando Günther, sempre viciado no seu trabalho, encurtou abruptamente a lua de mel de 10 dias na Itália, para comparecer numa reunião «inadiável». Mesmo antes desta partida repentina, a viagem não tinha sido um sucesso. Enquanto o casal viajava pela Itália numa limusina *Mercedes* com motorista, Magda descobriu que

o seu marido não tinha grande interesse pela Itália «real». Como viria a recordar mais tarde a sua mãe, Auguste, Magda apercebeu-se de que ele «fundamentalmente carecia de sensibilidade estética: tratava-se de uma pessoa pragmática para quem a arte e a beleza não tinham grande importância. A natureza também não parecia comovê-lo. Enquanto viajavam pela Umbria, atravessando aquela paisagem de beleza e significado clássicos, Quandt explicava à sua mulher a estrutura geológica dos terrenos e calculava quais as possibilidades de exploração industrial». No entanto, a viagem não foi um fracasso completo. A 1 de novembro de 1921, um pouco mais de nove meses após a lua de mel, Magda deu à luz o filho que tiveram em conjunto, de seu nome Harald.



Magda Friedländer

Magda deu à luz sozinha no hospital. Günther estava obviamente a trabalhar. Agora, que regressara a Berlim, para ele só havia trabalho e negócios, não cultivava qualquer vida pessoal. Quando viajava com a mulher e filhos, o foco principal eram as visitas a fábricas e a empresas. Trabalhava sempre 12 horas diárias, chegando à sua secretária às 7.30 e regressando a casa às 19.30, «cansado e moído», recordaria mais tarde a mãe de Magda:

«Depois do jantar, sentava-se no seu cadeirão, abria o jornal financeiro de Berlim e adormecia três minutos depois.» Günther andava cronicamente exausto. Queixava-se de que não tinha tempo para ler ou para ter ideias novas. A vida social praticamente não lhe interessava. Poderia ir a algum evento, se estivesse ligado aos seus negócios, mas «apenas se fosse inevitável». Isto magoava Magda. Os eventos que organizava em casa eram os únicos momentos em que ela podia ser o centro das atenções. Não havia quase espaço para a vida matrimonial na vida de Günther. Magda não teve outro remédio senão adaptar-se.

3

No início dos anos 20 já estavam a afastar-se, enquanto o Estado do pós-guerra, conhecido como República de Weimar, estava a tornar-se caótico. Muitos empresários distanciavam-se da volátil política parlamentar, com crises constitucionais a sobrevirem constantemente. Viraram-se então para o outro campo de batalha que lhes poderia proporcionar lucro e alavancagem: a bolsa de valores.

A hiperinflação e a fuga de capitais da Alemanha aceleraram no verão de 1922, no seguimento do assassinato do ministro dos Negócios Estrangeiros, o industrial judeu Walter Rathenau. Pairava a ameaça de a Alemanha entrar em incumprimento com os gigantescos pagamentos de restituição que lhe tinham sido impostos no Tratado de Versalhes. Depois do assassinato de Rathenau desvaneceram-se quaisquer restos de confiança que pudessem ainda remanescer sobre as divisas alemãs. A taxa de inflação atingiu os 1300 por cento e o Reichsbank começou a imprimir notas de trilião² de marcos. Apenas os poucos alemães que haviam investido em ativos tangíveis, tais como propriedades e fábricas, lucraram com esta situação — quaisquer créditos que detivessem evaporar-se-iam. A maioria das pessoas da classe média alemã tinham o seu dinheiro depositado em poupanças ou em títulos desvalorizados que tinham sido utilizados para financiar a I Guerra Mundial. Milhões de alemães estavam arruinados.

As ações, no entanto, mantiveram alguma liquidez, numa terra de ninguém onde apenas os especuladores mais audazes se aventuravam. Günther Quandt era um desses especuladores. Na busca de uma oportunidade para diversificar o dinheiro que tinha ganhado durante a guerra, Günther virou-se para o mercado cambial e a especulação bolsista. À medida que os preços caíam, os pequenos investidores começaram a vender as suas ações, deixando as poucas empresas que tinham a salvaguarda de ativos tangíveis a transacionarem as suas ações a preço de saldo. Era o sonho de um

² Um milhão de biliões; a unidade seguida de dezoito zeros (10¹⁸). (N. de T.)

especulador, embora fosse perigoso. A situação cambial, altamente volátil na Alemanha, provocava alterações repentinas de preços, fazendo perigar as apostas feitas pelos grandes investidores, que estavam a tentar adquirir enormes quantidades de ações e a especular com o endividamento barato.

Depois de uma transação particularmente arriscada numa empresa de lanifícios ter rendido a Günther cerca de 45.000.000 de marcos, no outono de 1921, ele contratou com 12 bancos a aquisição de ações em 12 empresas distintas. Uma das companhias em que investiu foi no produtor maciço de potassa, Wintershall. Embora Günther pertencesse já ao conselho de administração, não detinha controlo sobre a empresa. Incomodava-o profundamente «não ter voz ativa», recordou mais tarde. Era um papel desagradável e pouco habitual para o magnata que, gerindo as suas empresas à distância, estava determinado a ter um papel relevante noutra tipo de indústria. Tinha acabado de perfazer 40 anos, e o tempo escasseava. A perspetiva de apenas transacionar ações durante «o maldito período da inflação» causava-lhe repulsa, escreveu. No entanto, para quem manifestava ter tanta repulsa pela especulação, estava a conseguir desempenhá-la com grande sucesso. Mesmo depois desta vaga de compras, ficara ainda com 35.000.000 de marcos. Estava pronto para adquirir a sua própria empresa.

Na primavera de 1922, Günther identificou a sua presa: a companhia berlinense Accumulatoren-Fabrik AG (AFA). Esta empresa tinha-se tornado um dos maiores produtores de baterias. Quando Günther pôs os seus olhos na AFA, a eletrificação estava a ser feita um pouco por todo o mundo. A companhia tinha igualmente laços profundos com a indústria do armamento, tendo fornecido baterias para os submarinos alemães durante a I Guerra Mundial. No entanto, o valor intrínseco da AFA não se encontrava refletido no preço das suas ações. A sua estrutura acionista estava muito dispersa e não tinha mecanismos de defesa para tomadas hostis de capital, tais como a existência de ações preferenciais.

À medida que Günther começou a fazer compras diárias de ações da AFA, utilizou uma teia de empresas de fachada, bancos e testas de ferro, incluindo membros da família, para evitar atrair atenções e manter o anonimato, angariando mais fundos. Acabou por ser forçado a vir a público em setembro de 1922, quando a administração da AFA anunciou um aumento de capital acompanhado pela emissão de ações preferenciais. Nessa época, Günther tinha apenas reunido um quarto do capital. Conseguir uma posição maioritária teria sido praticamente impossível, se o aumento de capital fosse avante.

No dia seguinte ao do anúncio, estava Günther a ler o jornal financeiro de Berlim, quando se deparou com um anúncio anónimo a apelar aos acionistas da AFA que votassem contra a proposta da administração. Günther ligou a Walter Funk, o editor-chefe do jornal. Funk conhecia todos os empresários de relevo da Alemanha e revelou-lhe que fora um homem chamado Paul Hamel quem tinha posto o anúncio. Günther marcou uma reunião com ele, nessa noite. Hamel era sócio do banco privado Sponholz, especializado em aquisições corporativas. Decidiram assim juntar forças.

Depois de um mês de duras negociações com a administração da AFA, os saqueadores empresariais saíram vitoriosos. Não foram emitidas ações preferenciais e Günther ganhou quatro lugares de supervisão na administração. Entretanto, continuou a adquirir ações da AFA em segredo, cujas aquisições foram financiadas pelas suas fábricas de têxteis. Em junho de 1923 tornou-se presidente da empresa, sendo que o seu grupo controlava já 75 por cento das ações.

A aquisição hostil da AFA estava concluída. Günther tinha obtido o controlo de uma empresa de renome mundial, numa nova indústria. Tinha feito uma transformação rápida de mercador de têxteis para especulador astuto, acabando como um industrial de pleno direito. Além disso, graças a Funk, tinha ganhado um parceiro de negócios, Paul Hamel. Depois de ter ocorrido a morte de um executivo em janeiro de 1925, Günther ficou com o seu escritório na sede da empresa, no N.º 3 da Askanischer Platz. Ficava perto da principal estação ferroviária de Berlim, bem no centro da zona empresarial e governamental da cidade, perto do dinheiro e do poder. A partir daí, sentado numa enorme secretária dupla de madeira escura, num enorme gabinete de paredes altas, também forradas a madeira, Günther liderou o império crescente dos Quandt.

Três anos depois, Günther conquistou uma segunda empresa: a Deutsche Waffen- und Munitionsfabriken (DWM). Durante a I Guerra Mundial, esta empresa tinha sido um dos mais importantes fabricantes de armamento e munições para o Exército imperial alemão. As suas subsidiárias tinham produzido as famosas espingardas *Mauser* e as pistolas *Luger*, além de milhares de munições e peças para aviões de combate. Günther gostava de pensar nesta empresa como sendo uma «pequena Krupp», referindo-se à reputada empresa do aço, a maior produtora de armamento alemã.

Mas a outrora poderosa DWM estava a atravessar uma fase difícil, quando Günther e os seus parceiros a abordaram, no verão de 1928. A empresa berlinense tinha sido obrigada a transformar-se devido ao acordo de

desarmamento que a Alemanha assinou, depois de perder a guerra, e nessa altura produzia apenas eletrodomésticos, máquinas de costura e outros itens inofensivos. As únicas armas que a DWM estava autorizada a produzir eram armas para desporto e caça. As ações da empresa tinham caído vertiginosamente, dado haver rumores de insolvência e porque a equipa de gestão era antiquada.

O estado deplorável da DWM facilitou muito a tarefa da aquisição, tornando-a simultaneamente mais barata do que a AFA. Nas suas memórias de 1946, publicadas no rescaldo da II Guerra Mundial, Günther tentou desesperadamente criar a impressão de que nunca tinha estado envolvido no negócio do armamento. Alegou que fora Paul Hamel quem lhe trouxera a oportunidade de se expandirem para esse negócio (tinham adicionado um terceiro elemento, Paul Rohde, um magnata do aço, para formar um trio de ataque à compra da DWM). De acordo com Günther, Paul mobilizou os investidores de forma tão bem-sucedida que, na seguinte reunião de acionistas da DWM, o conselho de administração demitiu-se em bloco, em julho de 1928. Revisionismo histórico à parte, acabou por ser Günther quem, novamente, foi nomeado presidente, dada a sua reputação de ser hábil a reestruturar empresas, fosse qual fosse o ramo de negócio.

4

Tendo a era da hiperinflação atingido o seu pico e terminado no final de 1923, Friedrich Flick, um magnata do aço de 40 anos, mudou-se, juntamente com a esposa, Marie, e os filhos, para Berlim. Ficaram numa vivenda sita no exclusivo bairro arborizado de Grunewald, no lado ocidental da capital. Flick também tinha lucrado enormemente com os anos inebriantes de inflação e especulação, o que lhe permitiu abandonar a sua Siegerland natal, uma zona rural a sudoeste da região do Ruhr, e assentar na capital. Agora, Flick percorria o bem cuidado caminho de gravilha que dava acesso à sua propriedade, fumando charutos baratos e planeando a sua próxima jogada audaciosa.

Para assinalar a sua chegada, Flick comprou um escritório de estadão, no N.º 12 da Bellevuestrasse, a partir do qual tencionava gerir o seu império crescente de interesses industriais. Ficava numa rua pacata, mesmo entre o Tiergarten e a Potsdamer Platz. O centro nevrálgico de Berlim situava-se mesmo ao fundo da rua e a sede de Günther Quandt, na Askanischer Platz, ficava a escassos três minutos de carro. Com a sua obstinada determinação, agressividade, propensão para os números e para a ocultação, Flick estava a tornar-se num dos magnatas do aço mais bem-sucedidos e influentes da Alemanha. Raramente parecia, no entanto, desfrutar disso. Nem um laivo de brilho iluminava os seus olhos, nem um pequeno sorriso a sua boca. Sendo bem constituído e de relativamente baixa estatura, tinha um rosto magro e um olhar penetrante, com o cabelo praticamente todo branco. Tudo isto lhe conferia um ar severo e intimidante, que se adequava ao homem que viria a tornar-se no mais famoso industrial da Alemanha nazi.

Sendo dois anos mais novo do que Günther Quandt, Flick nasceu a 10 de julho de 1883 em Ernsdorf, uma vila sossegada que se localizava numa florescente região industrializada da Alemanha. Era filho de um madeireiro que tinha ações em várias companhias mineiras. Estudou Economia e

Gestão, em Colónia, e depois estagiou numa empresa que lutava com dificuldades no ramo do aço, em Siegerland, da qual viria a tornar-se diretor, aos 24 anos. Foi então trabalhar na administração de outra empresa local do mesmo ramo, que também estava com dificuldades financeiras. Esta mudança para a administração permitiu-lhe desposar, em 1913, Marie Schuss, filha de um respeitável autarca de Siegen e produtor têxtil. Logo em seguida tiveram filhos: Otto-Ernst, Rudolf e o tardio Friedrich Karl. A dinastia Flick começava a ganhar forma.



Friedrich Flick

Flick possuía um dom inato para decorar números e analisar balanços. Já tinha reestruturado duas empresas em dificuldades do ramo do aço, antes de agarrar uma oportunidade que lhe foi concedida no decurso da I Guerra Mundial: em 1915 Flick foi nomeado para a direção da Charlottenhütte, como diretor comercial. Esta empresa sólida era a maior produtora de aço de Siegerland, mas ainda assim era pequena, quando comparada com os seus concorrentes no império alemão. Os colegas de direção de Flick permitiram-lhe embarcar numa série de aquisições, quadruplicando o balanço da empresa, no decurso da guerra. A companhia

lucrou bastante com a crescente procura de aço por parte do Exército, para produzir armamento.

Também a procura de armas cresceu nos dois anos finais da guerra. Os preços do aço, de outros metais e até da sucata explodiram, em consequência disso. Flick utilizou os exorbitantes lucros da Charlottenhütte obtidos durante a guerra para financiar a política de aquisições da empresa. Simultaneamente, implementou o seu próprio esquema: começou secretamente a comprar ações da Charlottenhütte, que não tinha qualquer acionista dominante. Financiou uma aquisição dissimulada com um lucrativo negócio paralelo em sucata, juntamente com o dinheiro do seu pai e o dote da mulher. Mais ainda: conseguiu convencer a sua administração a emitir ações preferenciais para afastar ameaças de aquisições hostis, algumas reais e outras por ele propositadamente exageradas, tudo isto por forma a que nenhuma entidade conseguisse ganhar o controlo da empresa.

Depois de afastar uma ameaça de aquisição hostil por parte do lendário magnata do aço da região do Ruhr, August Thyssen, e após fazer um acordo com este, em 1920, Flick ganhou o controlo acionista da empresa. Transformou-a então na sua *holding* pessoal para a detenção de uma carteira dinâmica de ações em companhias do setor do aço, mineração e outras indústrias pesadas, muitas vezes adquirindo ações através de testas de ferro e companhias de fachada, para esconder a sua identidade e as suas intenções, tal como Günther o fez, na mesma época. Este ritmo de aquisições, vendas e trocas trouxe-lhe uma aguerrida concorrência e algumas colaborações também com industriais já estabelecidos, tais como Thyssen, Krupp e outros.

Depois de fazer um pacto com Thyssen, Flick acordou em manter-se afastado da região do Ruhr, abandonando temporariamente o seu objetivo final. Começou, ao invés, a fazer negócios de aço no Norte da Silésia, uma região muito disputada que oscilou entre a soberania alemã e a polaca. A volatilidade política da zona tornou-a em terreno fértil para oferecer oportunidades de compras baratas. Os negócios que Flick fez no Norte da Silésia trouxeram-lhe finalmente notoriedade a nível nacional. O primeiro perfil jornalístico de Flick foi traçado por um jornalista económico no *Berliner Tageblatt*, o maior jornal da capital, que descreveu assim Flick, em 1924: «Captou o espírito da época e sentiu o seu apelo. Saltou a pés juntos para o caldeirão do processo de redistribuição, deu lá uns bons mergulhos e emergiu como o novo rei da indústria pesada. O seu nome é desconhecido do grande público, mas os seus colegas na indústria

mineira e os banqueiros (que não o suportam, pois ele manda-os sempre calarem-se) reconhecem-no como sendo poderoso, bem-sucedido e hábil.» Flick detestava qualquer tipo de atenção dos meios de comunicação e começou a subornar os jornalistas para eliminarem os artigos que eram escritos sobre ele.

Foi através desta incursão na Silésia que Flick conseguiu finalmente colocar um pé na região industrial que ele mais cobiçava: o Ruhr. Entre 1923 e 1924 trocou uma grande parte dos seus interesses por ações em empresas do setor do aço situadas no Ruhr, que eram controladas pelos seus concorrentes. Esta troca incluía ações da Gelsenberg, uma empresa mineira. A jogada seguinte de Flick foi a mais audaz de todas: em 1926, um grupo de industriais do Ruhr fundou a Vereinigte Stahlwerke (VSt), um conglomerado, com sede em Düsseldorf, que regulava a produção de aço e respetivos preços. Foi grandemente financiada com obrigações americanas e tornou-se na segunda maior empresa do aço mundial, apenas superada pela US Steel. Flick recebera uma participação considerável na VSt por causa da troca de ações da Silésia que fizera, e assim deslocou muitos dos seus negócios para o novo conglomerado do Ruhr. Não era suficiente, no entanto. Ele pretendia obter o controlo total da VSt. Quando se verificou a fusão de algumas das empresas acionistas da VSt, a Gelsenberg emergiu como sendo o maior acionista deste conglomerado. Flick agarrou esta oportunidade. Começou a comprar ações da Gelsenberg, na esperança de conseguir uma posição maioritária. Depois de ter feito uma série de trocas e aquisições, principalmente com um antigo rival, Flick tornou-se no maior acionista da VSt, detendo o controlo de um dos maiores conglomerados industriais do mundo. Em 1929, com apenas 45 anos, tinha-se tornado no industrial mais poderoso da Alemanha.